

[violência em oito partes ou menos]

habilidade sem versão.                      aversão.  
amaciar com cristalinos mentóis e eucaliptos  
a garganta unhada                      por hábito.  
adoçar imputados gargarejos, astecas.  
defumar as dores da alma com bastões de beisebol  
croquis de gelo                      esgrima a norte das têmeoras  
garfos de esmalte                      velozes engasgos.  
orar a oriente a lei do chicote de um país de gatos pingados,  
gotas de colírio nas bravatas pastorais.  
zumbidos atlânticos de penumbra à justa  
dos eléctrodos encavados.  
proferições em azuis marciais, vitrolas frias, voz cortada,  
de esguelha. eyeliner, num só olho.  
a proveito das tenazes de turmalina  
desvirginadas vaginas, afortunadas ilhas,  
águas regurgitadas do princípio da língua a meio.

cravista, falaste de cabeça sobre mim  
numa capela de boa ordem.  
se tinhas - e não sei se tinhas- o unicórnio de uma moeda  
supondo que tinhas,  
tê-lo-ás colocado em pulcritude no gume dental da madeira.  
de rompante a ira eléctrica de uma vela,  
brocado em cera, pesado entalhe,  
em meu nome.  
uma vela igual às outras ligadas pós-pré-pagamento.  
a cada nome cego o seu minuto de chispa:  
zacarias eduarda pahlavia xá da pérsia,  
maria & josé ao mesmo tempo, comotal mais económico.  
em meu nome  
a queimação da pele perfeitamente inútil.

tudo certo, a poesia vai a despacho.

com estalidos bicolores confessou que a matara.  
descarregou a caçadeira.  
murros antes, indecisamente verdes.  
espantava-o a torpitude da coragem,  
hipersimbólica, cavalheiresca. deixou a desejar  
o modo como soletrou arre pendí mento.  
abdicou assim do seu direito a ficar calado.  
ao perdão  
condenado.

os factos são chaves de fendas,  
posturas indutoras de sono ao jus ad bellum.  
locais absolutos de bom comportamento.  
bem público, sem blandícias nem anomalias,  
a desabstinentemente repetição dos factos:  
separação na forma tentada: caçadeira:  
mata-leão praticado com diligência e ternura demasiadas.

não resistiu às autoridades. entregou-se.  
carneiro arbustivo no lugar de isaque.  
em rigor os factos são bons comportamentos,  
trevos de contrições recolocadas.

da cintura para baixo, mulher.  
julgado, em primeira instância, pelo excelentíssimo juiz das defesas.  
cível propriedade mulher transida pela ignição.  
roçagou os joelhos pelos soalhos de condomínios.  
as mãos pelo pó dos móveis.  
apêndice da imprudência, o bafo húmido no pescoço,  
até então comparativa eminência no alto  
pé direito dos retratos.  
rondou-a a dor de corno.  
abriu-se-lhe um epónimo de matas,  
inventos de falésias, graus intermédios de hediondez,  
rudes mãos pré-colombianas, pentes-do-mar, canivetes suíços.  
meteu-se debaixo de floating verbs sem força ilocutória.

estrangulou-me, o bafo. enterrou-me no quintal ciclónico.  
o bafo plantou-me por cima a meã altura  
uma macieira. a fuga ao uso, é, ditou a sentença,  
ugarítico fruto cuneiforme do pecado.

a jurisprudência de cabelos secos. despresos.  
descorados sob a macieira fleumática,  
posologia – livores verdes, não é? –d'oxigénio e desmopressina.  
alagados fios de chuva infiltrados, pernas abaixo,  
o colo quente ainda, algumas alhures horas,  
a sirene do sangue diluída nos olhos,  
a boca não dita já só coisa sem cantos,  
inútil mineral ceroso.

drops d'anis. muda metragem. curta.  
nua propriedade ainda. rebuçados para ratos  
na terra meio árvore meio água meio quente.  
ocultação de cadáver: agravante macha-fêmea  
de pecíolos da insubtileza.  
ouvida a primeira testemunha:  
ela punha -se a jeito, tantas e tantas o cântaro vai.  
ficava dias a fio a limpar-lhe a casa. depois de tudo.  
um cavalheiro. não vi nada. por enquanto.

tudo certo, a poesia vai a despacho.

mãe faz-se à água com as duas filhas pelos braços.  
escolheu o penhasco da ponta, tampouco o mais alto.  
a mãe sobreviveu às filhas. há violência maior  
do que a inabilidade para enlouquecer?

indeferido o porte de arma  
a detenção só suportável enquanto não fulminante uma faca,  
uma garganta cortante.  
verterá o mar que sobe e baixa na imprevidente lucidez  
antes e depois do penhasco.

tudo certo, a poesia vai a despacho.

dos botes para os guindastes, um pulo.  
os papéis ficam para depois, trinta e sete tendas  
e filas mais tarde.  
os mais crédulos tufam-se, a sul.  
acoitam-se na louca extensão dos desafogados.

gostam do cheiro a mirtilos,  
e do ruído em plástico nos dentes de ajuntamentos nocturnos.  
pirâmides audaciosas, dispostas no repouso de escorpiões  
amarelos, escutam o reconhecimento de manguezais  
no veneno oculto da mansa greda, friável, de olhos brancos.

empiètements telefónicos.  
amanhã a alvorada tintada de amoras,  
s rostos perfeito, aromático. sol a sol  
ferida é força.

é quando a turquês de carvão lhes volta aos olhos  
que adequam a serventia ao tropel de porcos.  
a matilha em condição estável,  
alpinista,  
a poesia vai.

defronte: um escombro.  
adiante um embate debica-te o joelho.  
depois: nada mais me é colo.  
depois: gasodutos. a ruína das aves. depois:  
o perímetro do amante, vazio. nem tão sequer um balbucio.  
defronte: um grito para dentro da desarticulação do joelho.  
suspendo o sangue em voz alta.  
de que não verás o ar um pouco mais longe.  
defronte: um joelho que cede. uma pedra. um abscesso.  
depois: os meus dedos. depois: o arpejo da inércia  
a impedir-te de lavá-los no plano fechado da saliva.  
defronte: uma espera de olhos postos nos barcos aéreos.  
depois: a espera de um bombardeamento,  
de um arco de caça,  
de uma harpa minuciosa e esquizofrénica.  
defronte: morre-te o joelho. o coração adiante.  
depois: a secura rebentada nos músculos, contrácteis.  
as cabras arrasadas. o rio siderúrgico.  
defronte: de cá para lá, longe, um retrato dissemelhante.  
depois: o que parecem requebros no meu olhar surdo.  
depois: os abrigos.  
pode alguém (pensou ela) saber de cor a evidência,  
o vol d'oiseau intransmissível?  
alguém que não eu (disse-se ela): um joelho de arrojo.  
nas mãos o vazio, nos dedos outras horas. alertas.

está tudo mais que certo, vai a despacho, a poesia.

escrevo na violência e no vazio  
aqui tudo se obscurece. escrevo a pedra os dias,  
os horizontes subterrâneos.  
ninguém, a não ser em arco uma candura de fogo.

sete palmos de chuva, sem dilúvio.  
a irracionalidade insuficiente para devir  
pantera leão marinho tigre, lince,  
punhos de poemas levantados  
contra a peste, branca.

escrevo para reanimar a revolta  
não promissória de azebre prometido.  
para remar a decapitação das retóricas  
e os ínfimos uivos, às vezes pingando de verdade.  
armar mãos que às mãos se dão,  
estrelas de água correndo absurdas.

desenhe a fúria ou um grito ou um fruto,  
só sei que o lobo é a distância mais curta entre dois pontos:  
a humanidade e a humanidade,  
com o escuro a meio.  
escrevo para cavar insectos peixes ardósias  
bielas amnésicas dúvidas à janela.

ponde-me um processo disciplinar.

estarei à mesa. com os miolos nos dedos,  
talvez a ignorar quem somos fingindo o contrário.  
trégua nenhuma ânsia ânsia ânsia.  
o que parece violência.

vinde fuzilar-me, arrancar-me a cabeça  
de uma vez só.

certo, tudo certo, à poesia é inútil dar despacho.